

Lucia Riff: Os desafios de uma agente literária



Isabel Coutinho · 4 de Novembro de 2010, 0:00 (atualizado a 9 de Novembro de 2010, 0:00)



Lucia Riff tornou-se agente literária por acaso como colaboradora da mítica Carmen Balcells

Transferência de autores, leilões para a compra e venda de direitos, negociações para "e-books" e ainda o acordo ortográfico. A brasileira Lucia Riff conta-nos como é o seu trabalho

Pense em Rubem Fonseca, Carlos Drummond de Andrade, Lygia Fagundes Telles, Adélia Prado, Zuenir Ventura, Erico e o seu filho, Luis Fernando Veríssimo, Ariano Suassuna, Rachel de Queiroz, Lya Luft e Mário Quintana. E saiba que as suas obras estão nas mãos de Lucia Riff, a principal agente literária brasileira, com uma agência com mais de 15 anos sediada no Rio de Janeiro, que divide agora com os filhos, Laura e João Paulo, e representa 55 autores brasileiros ou seus herdeiros.

Foi entre reuniões, na agitação frenética do Literary Agents & Scouts Centre (LitAg), o espaço onde os agentes literários e os editores de todo o mundo se encontram para conversar e negociar, que Lucia Riff conversou com o Ípsilon, na Feira do Livro de Frankfurt. Pousados em cima da mesa estão o novo Tony Bellotto, "No Buraco", comprado pela editora Quetzal; e também "Método prático da guerrilha", de Marcelo Ferroni (primeiro romance do editor da Alfaguara brasileira), adquirido pela Dom Quixote. Não parece, mas "exportar autores brasileiros sempre foi difícil e vai continuar sendo", confessa Lucia Riff. Mesmo com o Brasil a ser país convidado da Feira do Livro de Frankfurt em 2013? "Vai melhorar. Mas, mais do que ter vários livros vendidos [cerca de 2000 exemplares, com adiantamentos pequenos], precisamos é de um sucesso."

A Agência Riff negocia para Portugal autores brasileiros e também estrangeiros. "Boa parte dos nossos clientes representamos apenas para o Brasil. Mas 30 por cento da nossa lista é para a língua portuguesa. Esses negociamos com as editoras portuguesas", explica a agente, que representa Margarida Rebelo Pinto e Leonor Xavier. "Já fizemos outras vendas de autores portugueses, mas são pontuais. Quando eu represento um autor brasileiro, represento-o no mundo todo e ainda para cinema, teatro, publicidade e palestras."

Acordo à vista

Como vai ser agora por causa do novo acordo ortográfico? "Não vai mudar nada. Há muitos anos era comum que as editoras - portuguesas ou brasileiras - comprassem direitos para toda a língua portuguesa. Acontecia mais no Brasil. Exportavam-se 100, 200 livros para Portugal, ou vice-versa, e acabava. O livro não viajava mais do que algumas centenas de exemplares através de um distribuidor qualquer". Depois o mercado foi-se profissionalizando. No início da Agência Riff, Lucia só não fazia mais vendas para toda a língua portuguesa porque as suas representações eram só para o Brasil. "Até que dei conta que isso era um erro gravíssimo. O editor brasileiro não estava vendendo absolutamente nada em Portugal. Nós estávamos matando o mercado, matando a possibilidade de o livro ser mais bem explorado e vice-versa. Em Portugal estavam fazendo o mesmo, matando livros que poderiam estar saindo no Brasil." Então ficou definido: "Se vendo para o Brasil, é para uma editora brasileira que vai imprimir e vender lá. Para Portugal, a

Descarregue a aplicação do PÚBLICO, subscreva as nossas notificações e esteja a par da evolução do novo coronavírus.

Subscreva a nossa newsletter

A verdade faz-nos mais fortes

Das guerras aos desastres ambientais, da economia às ameaças epidémicas, quando os dias são de incerteza, o jornalismo do Público torna-se o porto de abrigo para os portugueses que querem pensar melhor. Juntos vemos melhor. Dê força à informação responsável que o ajuda entender o mundo, a pensar e decidir.

Escolha os factos.

APOIE O PÚBLICO

TÓPICOS

CULTURA-ÍPSILON | **LIVROS** | **ENTREVISTA**

■ TORNE-SE PERITO